



EMERGÊNCIA opera no limite da capacidade de atendimento

Hospital terá setor de triagem

Para as pessoas que procuram o hospital, a superlotação e a falta de estrutura para suportar tantos pacientes deixa os nervos à flor da pele. "Cheguei aqui às 11h. É um absurdo ter que esperar nesta fila por todo este tempo", reclama a dona de casa Maria das Dores Soares, que, às 16h23, ainda esperava atendimento para o filho doente, de 14 anos.

Segundo o diretor do hospital, Evandro Oliveira da Silva, o problema está na cultura da população de buscar as emergências dos hospitais para resolverem problemas sem gravidade. "Em janeiro, o hospital vai

começar uma reforma para criar a estrutura física de um sistema de triagem. Sabemos que 85% dos atendimentos da Emergência não são emergenciais e pretendemos desafogar o setor", comenta.

Para se ter uma idéia, a Clínica Médica atende sozinha cerca de 450 pacientes todos os dias. "Não adianta nem reclamar. Basta olhar o tanto de gente na fila e entender que não há cristão que consiga atender todo mundo", lamenta, conformado, o aposentado Linei Tavares Neto, que também aguardava atendimento.

A boa fama de algumas clínicas do hospital, como o tratamento de queimados e a

cirurgia plástica, é outro fator que colabora para o número exagerado de pacientes. O hospital é o único do Distrito Federal a ter excelência nos dois setores e, principalmente, a oferecê-los gratuitamente.

"Entre todos os hospitais do DF, inclusive os particulares, nós somos referência nessas duas áreas. Quanto mais aumentamos a capacidade de atendimento, mais gente aparece. Não dá para fugir disso", comenta o diretor do hospital.

Amanhã, o **Jornal de Brasília** mostrará a situação Hospital Regional da Asa Sul (HRAS).